

Website: Mundurukânia – Um Olhar Alternativo da Imagem Indígena¹Kassia Cleandra Cruz GOMES²Jean Beltrão da SILVA³Simone Nunes da SILVA⁴Hellen Cristina Picanço SIMAS⁵

Universidade Federal do Amazonas, Parintins-AM.

RESUMO: O Website **Mundurukânia – Um Olhar Alternativo da Imagem Indígena** é uma plataforma de comunicação elaborada com a proposta de levar ao conhecimento da sociedade, por meio do webjornalismo, conteúdos alternativos aos da mídia tradicional a respeito da imagem indígena. Em um primeiro momento, o site baseou-se exclusivamente em veicular informações sobre o modo de vida dos indígenas Sateré-Mawé em meio a urbanização na cidade de Parintins. Dessa forma, o website **Mundurukânia** buscou ser um veículo democrático que visa contribuir com novas reflexões acerca da imagem dos Sateré-Mawé contemporâneos e, ao mesmo tempo, um espaço para aos próprios indígenas desta etnia se apresentarem à sociedade, na tentativa de desconstruir estereótipos e reafirmarem sua identidade étnica.

Palavras-chave: Sateré-Mawé; Índios Urbanos; Webjornalismo; Website; Identidade.

1. INTRODUÇÃO

Mundurukânia – Um Olhar Alternativo da Imagem Indígena é um website idealizado para produção de conteúdos jornalísticos referentes aos indígenas do Médio Rio Amazonas que residem no contexto urbano da região. Devido à abrangência da proposta e ao tempo limitado para execução do trabalho, pois se trata de um trabalho de conclusão de curso, foi necessário optar em realizar a abordagem, em um primeiro momento, especificamente com os indígenas da etnia Sateré-Mawé, pelo fato de ser o grupo tribal com maior número de indivíduos presentes na cidade de Parintins-AM.

O povo Sateré-Mawé é uma etnia indígena que vive no médio rio Amazonas, entre os Estados do Amazonas e Pará, na Terra Indígena Andirá-Marau, que abrange uma área de 788.528 ha e perímetro de 477,7 km. Possuem também uma aldeia na Terra Indígena Koatá-Laranjal, território do povo Munduruku, no Pará.

Segundo Teixeira apud Lorenz, (1992)

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Rádio, TV e Internet, modalidade *Website*.

² Aluna líder e recém-graduada no Curso Comunicação Social/Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia – ICSEZ/UFAM. kassiacleandra02@hotmail.com.

³ Aluno recém-graduado no Curso Comunicação Social/Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia – ICSEZ/UFAM. e-mail: jeanbeltrao_12@hotmail.com.

⁴ Aluna recém-graduada no Curso Comunicação Social/Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia – ICSEZ/UFAM. e-mail: monny_nunes@hotmail.com.

⁵ Professora orientadora do trabalho, e-mail: hellen_ufam@gmail.com.

O primeiro nome, Sateré, significa “lagarta de fogo” e é referência ao clã mais importante dentre os que compõem esta sociedade, o que indica tradicionalmente a linha sucessória dos chefes políticos. O segundo nome, Mawé, quer dizer “papagaio inteligente e curioso” e não é designação clânica. E a língua é o Mawé, do tronco lingüístico Tupi (p.21).

Dentre as várias singularidades culturais dos Sateré-Mawé, destacam-se: a celebração de passagem da adolescência para a fase adulta, denominada de Ritual da Tucandeira; o culto ao Porantim, que segundo Batista (1998), posiciona-se para a sociedade Sateré-Mawé como instituição máxima, aglutinando as esferas política, jurídica, mágico-religiosa e mística; e o cultivo do guaraná, por esse fato a etnia também é conhecida como o “Povo do Guaraná”.

Segundo Teixeira (2005), a população Sateré-Mawé é formada por aproximadamente 8.500 pessoas, sendo 998 habitantes nas sedes dos municípios de Parintins, Barreirinha, Maués e Nova Olinda do Norte e 7.502 habitantes divididos entre as 91 comunidades da Terra Indígena Andirá-Marau e Koatá-Laranjal.

O website **Mundurukânia** propõe divulgar informações sobre os índios Sateré-Mawé residentes fora das aldeias, a fim de evidenciar a nova forma de viver e ser desses indígenas, objetivando desconstruir a imagem de um indígena do passado, muito divulgada ainda pelos meios de comunicação e presente no imaginário coletivo. Almeja-se, também, criar espaços para informações sobre os indígenas que vivem no meio urbano de Parintins, dando enfoque às suas relações sociais, meios de subsistência econômica e realidade educacional nesse contexto.

2. OBJETIVOS

- Compreender como vivem os Sateré-Mawé, especificamente os que residem no contexto urbano de Parintins - suas relações sociais, culturais e econômicas;
- Desenvolver um site para mostrar, a partir das ferramentas da web, a maneira como os indígenas Sateré-Mawé se organizam no contexto urbano parintinense;
- Produzir conteúdos jornalísticos referentes ao Sateré-Mawé com perspectivas alternativas ao modo estereotipado como a mídia tradicional costuma apresentar a imagem indígena.
- Fomentar a elaboração de trabalhos voltados a apresentar perspectivas alternativas da imagem indígena;

3. JUSTIFICATIVA

A terminologia “índio” ou “indígena”, segundo o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, significa nativo ou natural de um lugar. A nomenclatura também é dada aos povos habitantes da América desde a chegada da frota de Cristóvão Colombo ao continente, em 1492, após um erro náutico cometido pelo navegador, que imaginou ter chegado às Índias, quando, na realidade, havia aportado em terras americanas.

De acordo com Luciano (2006), para muitos brasileiros brancos a denominação “índio” tem um sentido pejorativo, resultado de todo o processo histórico de discriminação e preconceito contra os povos nativos da região. Os indígenas são visto, na maioria das vezes, como pessoas sem civilização, sem cultura, incapazes, selvagens, preguiçosos, ou como seres românticos, protetores das florestas, símbolos de pureza etc.

À medida que a imagem idealizada pelos colonizadores acerca dos povos que habitavam o continente americano se firmou, até a “humanidade” dos indígenas foi questionada. A ideia de “seres inferiores” e “restritos de capacidade de raciocínio”, discurso ainda fortemente disseminado nos dias atuais, serviu como justificativa para o extermínio dos povos ameríndios no decorrer da colonização e impôs aos indígenas uma vida em meio ao preconceito e marginalização. Atualmente, os problemas sociais decorrentes das projeções preconceituosas da figura indígena são maximizados quando os índios tentam se integrar às rotinas dos meios urbanos, levados por uma série de fatores como a invasão de suas terras e a busca por melhores condições de vida.

Os indígenas que residem em urbes tendem a remodelar comportamentos, costumes e crenças tradicionais devido ao contato com a cultura da sociedade brasileira contemporânea. Essa ressignificação é encarada equivocadamente pelos não-índios como processo de aculturação. Isso ocorre por conta da discriminação histórica contra os povos indígenas, processo iniciado no período de colonização do Brasil pela etnocêntrica sociedade europeia.

Na cidade, os indígenas que tentam conviver com o modelo de vida urbano passam a sofrer com a indiferença cultural da sociedade não-indígena que, na maioria das vezes, devido a inexistência do exercício da alteridade, os impõe uma vida em meio à marginalização.

Segundo a perspectiva da sociedade nacional, a partir do momento em que o indígena passa a viver em urbes, os não-índios julgam que há a perda da identidade cultural indígena, ou seja, o índio “deixa” de ser índio. Essa ideia, além de se fazer presente no senso comum, pode ser identificada também nos discursos dos órgãos de amparo aos indígenas, como, por

exemplo, a Fundação Nacional do Índio – FUNAI. A instituição detém-se exclusivamente às questões que envolvem os índios aldeados, dessa forma, os indígenas residentes na cidade, na compreensão do órgão, passam para o *status* de munícipes.

Embora tenha que remodelar os padrões identitários em meio à urbanização, como é o caso dos Sateré-Mawé de Parintins, se um indivíduo indígena se considera pertencente a um determinado grupo étnico e o grupo também o considera como membro, pode-se dizer que a essência da identidade indígena permanece, pois, “a identidade não se aprende, isto é, não resulta de processos de aprendizagem, mas refere, isso sim, a posições que se constituem em processos de memória afetados pelo inconsciente e pela ideologia” (ORLANDI, s/a, p.204).

Em busca de melhores condições de vida, muitos Sateré-Mawé são levados a migrar para os centros urbanos (áreas que um dia já foram territórios indígenas e vieram a ser invadidas pela urbanização). Em Parintins, maior cidade da região do Baixo Amazonas, vivem, segundo a FUNAI, 519 indígenas da etnia divididos em 118 famílias, em sua maioria, marginalizados social, cultural e economicamente. Sem a assistência das organizações que deveriam representá-los e a inexistência de políticas públicas que ofereçam condições básicas de saúde, educação e subsistência das populações indígenas no contexto urbano, parte dos Sateré-Mawé que moram na cidade vivem em meio à pobreza e marginalização nos aspectos sociais, econômicos e culturais.

Barroso e Silva (2013), no artigo “Das margens da Floresta Amazônica à margem da Sociedade: o caso dos Sateré-Mawé residentes em Parintins/AM”, afirmam

Na cidade, os Sateré-Mawé se deparam com realidade diferente do contexto vivenciado nas comunidades indígenas. Essas diferenças têm raízes culturais, mas também sociais e econômicas, uma vez que quando passam a morar na área urbana passam por situações precárias de trabalho, renda, moradia, saúde e educação. (p.3)

Os Saterés estão espalhados por diversos bairros da cidade, no entanto a maioria concentra-se nos bairros periféricos. Dos 519 indígenas que residem no contexto urbano de Parintins, aproximadamente 100 moram fixamente na Casa de Trânsito Indígena, situada na Rua Silva Campos, Centro da cidade. A casa, que não proporciona condições básicas de moradia, é o único espaço para abrigar os indígenas que precisam vir para a cidade e não possuem lugar para morar.

A pesquisa de Silva e Barroso (2013) aponta que os motivos da migração das famílias Sateré-Mawé para a Casa de Trânsito está relacionada à saúde (28,54 %), à educação (14,27 %), a opção “outros motivos” representou 14,29% das respostas e diz respeito a escolhas aleatórias.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

As etapas de elaboração do site foram divididas em três: pré-produção, produção e pós-produção.

A pré-produção iniciou com a verificação da possibilidade da pesquisa. Para tanto, a Coordenação Técnica Local de Parintins (CLTP), órgão representante da FUNAI na região do Baixo Amazonas, foi procurada para saber a necessidade de alguma documentação autorizando a realização do trabalho com os indígenas que moram na cidade. A resposta dada pelos representantes do órgão foi que não seriam necessários documentos oficiais, visto que a instituição só se responsabiliza pelos indígenas aldeados.

Com a viabilidade da pesquisa, 30 indígenas Sateré-Mawé que vivem no meio urbano de Parintins foram escolhidos para serem entrevistados. A escolha dessas pessoas se deu de acordo com as pautas elaboradas para nortearem as coberturas jornalísticas.

Ainda na etapa de pré-produção foi discutida a linha editorial do website, escolha do público alvo, gêneros textuais, personalização etc.

Vale ressaltar que a nomenclatura do site **Mundurukânia** foi inspirada no nome de uma extensa região na Amazônia que envolvia os rios Madeira e Tapajós e abrigava várias etnias indígenas, entre elas, os Sateré-Mawé. Bernal (2009) cita que foi no meio do século XVIII que começou a colonização dessa região, chamada também de Mundurukânia, nomenclatura advinda originalmente das tribos antes da chegada dos Tupi.

Por várias vezes a equipe foi questionada pelos indígenas sobre o nome do site, visto que Mundurukânia é uma expressão baseada na etnia Munduruku que, no passado, era inimiga de guerra dos Sateré-Mawé. Foi explicado aos indígenas que a escolha da etnia Sateré-Mawé se deu por conta de não podermos abarcar, nesse primeiro momento, todas as etnias que pertencem à citada região, a qual o nome do site faz referência. Foi ressaltado, também, o interesse em ampliar a pesquisa para futuramente trabalhar com a divulgação de informações de outros grupos indígenas que vivem na região do Médio Amazonas, em aldeias ou no meio urbano.

A fase de produção teve início com o pagamento do domínio do site, registrado como mundurukania.com.br, na empresa Registro.br, e com a contratação do serviço de hospedagem na empresa The Vektor, responsável pelo HD onde os arquivos disponibilizados no site ficam armazenados. Após esses procedimentos foi desenhado o modelo de website idealizado na pré-produção.

É importante destacar que durante o processo de configuração do layout do site a equipe pedia sugestões aos indígenas Sateré-Mawé, de acordo com as orientações deles criou-se um site que os representasse, ou pelo menos mostrasse algumas particularidades culturais da etnia.

O primeiro passo para a elaboração dos conteúdos foi a construção de pautas para nortear as coberturas jornalísticas. As pautas foram elaboradas com auxílio dos indígenas, por meio das indicações de assuntos que eles gostariam que fossem abordados, e a partir de nossas próprias reflexões sobre temas relevantes para descrever essa imagem pouco trabalhada na mídia sobre os Sateré-Mawé contemporâneos.

Foi utilizada a entrevista como técnica de obtenção de informações. Lage (2008, p.73) diz que a entrevista “é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição dos fatos”.

Por meio do tipo de entrevista dialogal, onde o “entrevistador e entrevistado constroem o tom de sua conversa, que evolui a partir de questões propostas pelo primeiro, mas não se limitam a esses tópicos: permite-se o aprofundamento e detalhamento dos pontos abordados” (LAGE, 2008, p.77), que conhecemos os problemas enfrentados pelos Sateré-Mawé e os modos de organização social, cultural e econômico na zona urbana do município e as divergências na maneira estereotipada e primitiva como a mídia tradicional costuma mostrá-los por meio das notícias que circulam quando se trata da temática indígena.

As entrevistas foram realizadas no período de maio a julho de 2014 e aconteceram nas residências dos indígenas, universidades, escolas, Casa de Trânsito, FUNAI e ambientes de trabalho.

Após a coleta das informações, passamos para a fase de construção dos textos jornalísticos que seriam publicados no website. Dessa forma, optou-se em utilizar os gêneros textuais: notícia, reportagem, perfil, artigo.

Durante as investigações, foram capturadas imagens para complementar os conteúdos textuais. As fotografias também foram reunidas e selecionadas para compor a galeria de fotos

presentes no site, com intuito de dar visibilidade aos trabalhos artesanais dos indígenas Sateré-Mawé.

Os vídeos, que seriam elaborados da maneira telejornalística, com a utilização dos materiais disponíveis no laboratório de Telejornalismo da Universidade Federal do Amazonas, foram produzidos com instrumentos amadores devido à greve dos técnicos da instituição durante o período de produção dos conteúdos do website. Entretanto, as produções audiovisuais presentes no site dão conta de repassar relevantes informações sobre os indígenas Sateré-Mawé no meio urbano de Parintins.

A etapa de pós-produção do trabalho consistiu nos ajustes técnicos da página e, conseqüentemente, nos envios dos arquivos produzidos no decorrer da pesquisa. Para o envio dos conteúdos, foi utilizado o software Postweb, sistema de atualização utilizado para fazer upload das produções.

Outro procedimento da pós-produção do site foi a revisão dos textos produzidos, seleção das fotografias para os álbuns da galeria de fotos, edição dos vídeos com o depoimento dos indígenas e a escolha dos links recomendados aos visitantes.

Dessa maneira, foram publicadas no site cinco reportagens, cinco notícias, quatro perfis, quatro artigos, duas galerias de fotos e três vídeos com depoimentos dos indígenas.

Foi criada uma *fanpage* no Facebook vinculada à **Mundurukânia** para difundir na rede social os links das produções publicadas no site. Criou-se, também, um canal no YouTube para enviar os vídeos produzidos e, posteriormente, compartilhar no website.

É importante destacar a multifuncionalidade dos produtores do site. Não houve uma subdivisão de trabalhos, exceto o da professora orientadora, responsável pela edição de textos. A equipe se revezava nas funções de pauteiro, entrevistador, produtor de textos, fotógrafo, cinegrafista, editor e demais necessidades de produção do site.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

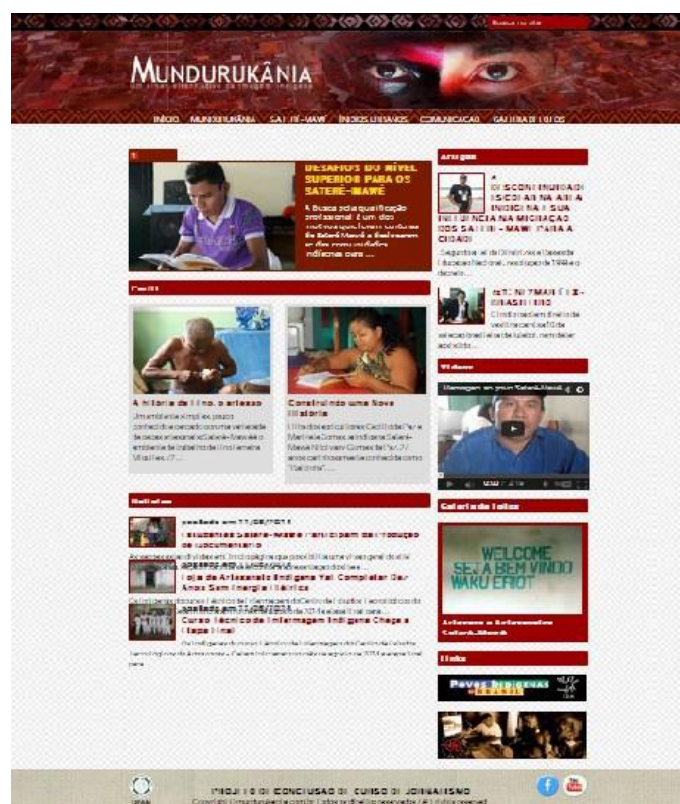
O site **Mundurukânia – Um Olhar Alternativo da Imagem Indígena** está online na web e localiza-se no endereço mundurukania.com.br. O Layout da página é composto de capa, logomarca, menu de seções, ferramenta de busca e subdivisões gráficas na página inicial, onde estão apresentados resumidamente todos os conteúdos do site.

As seções estão divididas em: *Início*, página que possibilita uma visão geral do site; *Mundurukânia*, seção fixa onde se encontra a apresentação do site e dos produtores; *Sateré-Mawé*, seção de apresentação do povo Sateré, com dados demográficos e sociolinguísticos e as singularidades da etnia; *Índios Urbanos*, seção que apresenta o modo de organização dos

indígenas Sateré-Mawé no contexto urbano de Parintins, com enfoque especial à Casa de Trânsito Indígena; *Comunicação*, seção composta por cinco subseções (artigos, notícias, perfis, reportagens, vídeos) onde apresentamos as produções jornalísticas; *Galeria de Fotos*, seção com álbuns fotográficos sobre a temática; *Fale Conosco*, seção de interação entre os produtores e internautas, nele os visitantes podem fazer sugestões e críticas para enviarem à produção. Ainda na capa, na parte superior direita, encontra-se a ferramenta de *Busca* que facilita as pesquisas realizadas pelos internautas. Na parte inferior, localiza-se o menu de seções da página. Essas seções são hiperlinks que direcionam os webleitores aos conteúdos produzidos no site.

O nome Mundurukânia em destaque é a logomarca do site. As bordas da capa são alusões às pinturas características da etnia Munduruku, a qual se baseia o nome do produto jornalístico. As tonalidades utilizadas na composição da fotografia são sugestões de alguns artesãos e estudantes Sateré-Mawé que indicaram a cor vermelha, extraída do urucum e preta do jenipapo, utilizadas para a pintura artística e corporal do povo Sateré-Mawé.

Imagem 1: Layout do site Mundurukânia – Um Olhar



Fonte: mundurukania.com.br

6. CONSIDERAÇÕES

A imagem dos indígenas construída historicamente no cognitivo social reitera os estereótipos e preconceitos seculares do período de colonização do continente americano. Dessa maneira, os meios de comunicação, em todas as suas vertentes, reproduzem e potencializam em escala global a ideia preconceituada de “inferioridade” dos povos ameríndios. Os reflexos dessa representação social influem diretamente na vida das populações indígenas que sofrem com a marginalização nos aspectos sociais, econômicos e culturais.

Descobrimos que, sem espaço na mídia tradicional para expressarem suas manifestações culturais e, conseqüentemente, reforçarem valores identitários, os Sateré-Mawé que moram na cidade de Parintins enfrentam uma série de problemas decorrentes da discriminação e exclusão social.

A pesquisa desenvolvida para a construção deste trabalho nos fez conhecer vários exemplos de indígenas Sateré-Mawé que, mesmo vivendo longe das comunidades indígenas, preservam a cultura e tradições do seu povo. Apesar dos preconceitos enfrentados durante a vida na urbe, esses membros da etnia conseguiram se estabelecer em meio à sociedade por meio dos estudos e trabalho.

A criação de canais de comunicação dedicados à veiculação de informações sobre os indígenas Sateré-Mawé do meio urbano e voltados para a apresentação de perspectivas contemporâneas desta etnia, contribui para a desconstrução de estereótipos e valorização cultural do povo Sateré.

Certos de que nossa concepção sobre os indígenas fora construída sob os padrões do discurso histórico, buscamos nos despir dos olhares estereotipados para entrarmos na perspectiva do olhar indígena na elaboração de nossos conteúdos veiculados na web. Nesse sentido, trabalhar com um produto na web que se refere exclusivamente à temática indígena foi uma tarefa desafiadora, pois, além das dificuldades enfrentadas com o limitado sinal de internet na cidade de Parintins, tínhamos que ter o cuidado para não desrespeitar os indígenas Sateré-Mawé.

O exercício de alteridade atrelado à nossa vontade de contribuir, por meio do webjornalismo, para apresentação de novas perspectivas dos indígenas, resultou na criação do site **Mundurukânia – Um Olhar Alternativo da Imagem Indígena**, que visa contribuir para a abertura de espaços na mídia, por meio da web, aos indígenas Sateré-Mawé de Parintins para exporem suas ideias, expressarem sua cultura e cobrar os direitos que lhes são privados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROSO, Milena, SILVA, Maria de Lourdes. **Das margens da Floresta Amazônica à margem da sociedade: o caso dos Sateré-Mawé residentes em Parintins/AM, 2013.**

Disponível em: <<http://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/relem/article/view/543>>.

Acesso em: 20/05/2014, 18:50:30.

BERNAL, Roberto Jaramillo. **Índios Urbanos: Processo de Reconformação das Identidades Étnicas Indígenas em Manaus/;** tradução de Evelyne Marie Therese Main. – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas/ Faculdade Salesiana Dom Bosco, 2009.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística/.** – 7ªed.- Rio de Janeiro: Record, 2008.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os índios do Brasil de hoje.** Brasília: Ministério de Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Laced/Musel Nacional, 2006.

MIELNICZUK, Luciana. **Características e implicações do jornalismo na Web. Trabalho apresentado no II Congresso da SOPCOM. Lisboa, 2001.** Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/_listas/tematica.php?codtema=94>. Acesso em: 10/06/2014, 17:30:00.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Identidade Linguística Escolar.** In: SIGNORINI, Inês (org.). **Lingua(gem) e identidade: Elementos para uma discussão no campo aplicado /** – Campinas, SP : Mercado de Letras 1998. – (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

TEIXEIRA, Pery. **Sateré-Mawé: Retrato de um Povo Indígena.** Manaus: UFAM, 2005.